



SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA  
FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA - IBGE  
DIRETORIA DE PESQUISAS

**INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDUSTRIA  
PRODUÇÃO FÍSICA - REGIONAL**

REGIÃO NORDESTE

PERNAMBUCO

BAHIA

MINAS GERAIS

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

REGIÃO SUL

| 1988 : MARÇO |

| 12/05/88 |



## ÍNDICE

	PAGINA
NOTAS METODOLOGICAS .....	1
COMENTARIOS .....	2
INDICES POR GENERO DE INDUSTRIA	
REGIÃO NORDESTE .....	9
PERNAMBUCO.....	10
BAHIA .....	11
MINAS GERAIS .....	12
RIO DE JANEIRO .....	13
SÃO PAULO .....	14
REGIÃO SUL .....	15

## INDICADORES REGIONAIS DE PRODUÇÃO FÍSICA

## NOTAS METODOLOGICAS

- 1 - Os índices regionais utilizam dados primários da Pesquisa Industrial Mensal ( PIM ). Os painéis de produtos e informantes são específicos para cada região, com exceção de Pernambuco e Bahia.
- 2 - Para a Indústria Geral e tomando-se como referência o Valor da Transformação Industrial de 1980, os produtos selecionados alcançam os seguintes níveis de cobertura: Região Nordeste, 190 produtos ( 58% ); Pernambuco, 102 produtos ( 56% ); Bahia, 91 produtos ( 52% ); Minas Gerais, 158 produtos ( 59% ); Rio de Janeiro, 261 produtos ( 51% ); São Paulo, 493 produtos ( 54% ) e Região Sul, 264 produtos ( 52% ).
- 3 - Os procedimentos metodológicos dos índices regionais são idênticos aos adotados no índice - Brasil. A base de ponderação é fixa e tem como referência a estrutura do Valor da Transformação Industrial do Censo Industrial de 1980.

A fórmula de cálculo adotada é uma adaptação de Laspeyres base fixa em cadeia, com atualização de pesos.

## 4 - São divulgados quatro tipos de índices:

- INDICE BASE FIXA MENSAL ( NUMERO-INDICE ): compara a produção do mês de referência do índice com a média mensal produzida no ano base da pesquisa ( 1981 );
- INDICE MENSAL: compara a produção do mês de referência do índice em relação a igual mês do ano anterior;
- INDICE ACUMULADO: compara a produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência do índice, em relação a igual período do ano anterior;
- INDICE ACUMULADO 12 MESES: compara a produção acumulada nos últimos 12 meses de referência do índice em relação a igual período imediatamente anterior.

OUTROS INDICES ( por exemplo, MES/MES ANTERIOR ) podem ser obtidos pelo usuário a partir dos índices base fixa mensal.

5 - Os índices apresentados neste documento são preliminares, estando sujeitos a retificação nos dados primários por parte dos informantes da pesquisa.

6 - A sistemática adotada para retificação de índices, é divulgar, junto com os resultados de cada mês de dezembro do ano ( N ), o "índice base fixa mensal" do ano ( N-1 ), que passará então a ser definitivo.

7 - Informações mais detalhadas sobre os procedimentos metodológicos podem ser obtidas no Departamento de Indústria ( DEIND ) - Rua Visconde de Niterói, 1.246 BL/B - Sala 705 telefones: 254-9914 e 284-8840.

COMENTÁRIOS

Os indicadores da produção industrial no seu corte regional demonstram, encerrado o primeiro trimestre, um quadro de retração quase que generalizado. A exceção fica por conta de Minas Gerais, cuja indústria atinge 1,8% de expansão no período, em relação ao primeiro trimestre de 1987, frente a um desempenho médio nacional de -5,9%. Nas demais regiões as quedas variam entre -20,1% em Pernambuco e -2,5% no Rio de Janeiro.

No entanto, ainda que o balanço dos primeiros três meses seja negativo, cabe destacar os números referentes ao comportamento do setor em março último. Mesmo levando-se em conta o maior número de dias trabalhados (\*) o fato é que o indicador março 88/março 87 apresenta resultados bem mais favoráveis que os dos últimos meses. Como forma de amortecer os efeitos dos feriados móveis sobre os índices em análise, optou-se por agregar os meses de fevereiro e março (Tabela 1).

TABELA 1  
PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL - INDÚSTRIA GERAL  
TAXAS DE CRESCIMENTO (%)

LOCAL	TAXAS	TRIMESTRE (BASE: IGUAL TRIMESTRE DO ANO ANT. = 100)				MÊS (IGUAL PERÍODO DO ANO ANT.=100)		
		1987				1988		
		I	II	III	IV	I	JAN	FEV-MAR
NORDESTE		10,8	9,9	-2,3	0,9	-11,9	-7,8	-14,1
PERNAMBUCO		18,1	16,7	-6,1	0,4	-20,1	-14,6	-23,2
BAHIA		6,7	0,7	-1,9	-6,7	-4,0	-5,5	-3,2
MINAS GERAIS		7,1	-1,3	0,9	0,9	1,8	-2,7	4,2
RIO DE JANEIRO		13,1	3,2	-7,2	-5,6	-2,5	-4,7	-1,3
SÃO PAULO		10,4	6,2	-6,8	-5,9	-5,5	-9,7	-3,5
REGIÃO SUL		9,8	6,0	-3,6	-6,8	-4,0	-11,1	-0,6
BRASIL		10,8	5,0	-5,4	-4,5	-5,9	-8,8	-4,5

Nesta tabela fica evidenciado, de forma ampla, uma queda menos acentuada quando comparados os resultados da média fevereiro-março com os relativos a janeiro. Essa ligeira melhora é mais intensa naqueles estados onde o setor industrial tem uma maior articulação com vendas externas. Nesse sentido, vale ressaltar os resultados de Minas Gerais e Região Sul, os dois locais de melhor desempenho no bimestre fevereiro-março, com destaque para setores tradicionalmente exportadores como a siderurgia mineira e as indústrias que processam a soja na Região Sul. Observa-se também que o mês de janeiro deste ano marca para o Brasil e algumas das principais regiões a pior performance, resultando numa queda de quase 9% para a média nacional.

Na tabela 2 procurou-se listar para três países gêneros de cada região (pelo impacto no indicador acumulado para o primeiro trimestre) os produtos de maior influência e seus respectivos fatores predominantes. Verifica-se então que, na maior parte dos casos, os produtos em queda são tipicamente destinados ao mercado interno, ficando com influência positiva os relativamente mais vinculados ao mercado externo. Destaque-se, ainda, que somente em Minas Gerais - por motivos já expostos - e no Rio de Janeiro figuram indústrias com forte impacto positivo no resultado global da Região. Neste último caso encontra-se a indústria de material elétrico provavelmente refletindo os investimentos do governo na área de telefonia.

Em resumo, embora o quadro geral do trimestre seja de queda, é possível detectar nos resultados dos últimos dois meses sinais de amortecimento na retração e, em alguns casos, taxas de crescimento positivas. Nessa última condição encontram-se segmentos mais articulados com o setor agrícola (como é o caso da indústria de fertilizantes), com as exportações (minério de ferro, siderurgia, e ainda material de transporte, por exemplo) e com a extração e processamento de petróleo (ex. petroquímica). Especificamente em março, foram observados resultados positivos na indústria de minerais não metálicos em algumas regiões (Minas Gerais e Sul por exemplo) o que pode ser reflexo de uma aceleração no ritmo de atividade da construção civil.

(\*) Em 1987 o carnaval se deu em março, o que influencia, para mais, a relação março 88/março 87.

#### PERNAMBUCO

A indústria pernambucana atingiu no primeiro trimestre de 1988 uma queda de -20,1% com relação a igual período do ano passado. Em se tratando da indústria que encerrou o ano de 1987 como a de melhor desempenho, ao crescer 6,6% quando a média nacional não passou de 1,0% de expansão, esta performance configura, sem dúvida, o mais elevado declínio nos níveis de atividade do setor nos últimos anos no Estado, além de representar, no período em análise, o pior resultado em termos regionais. Este fato fica evidente na evolução do Índice Acumulado dos Últimos 12 meses, que de dezembro/87 a março/88 já recuou 10,5 pontos percentuais, alcançando neste último mês taxa negativa (-3,9%), o que não ocorria desde outubro de 1984.

Em março, o nível de produção retraiu-se em -22,3% frente ao de idêntico mês do ano anterior. Este mês três gêneros industriais passam a registrar resultados mensais positivos: têxtil (5,1%), fumo (11,0%) e minerais não metálicos (9,0%) - este último possivelmente indicando um reaquecimento localizado da construção civil no mês em análise. No entanto, este movimento foi contrabalançado, a nível de Indicador Geral, pelo comportamento da química e alimentares, os dois segmentos de maior peso na indústria local, que desaceleraram ainda mais o seu ritmo de produção. Consequentemente, isto levou a que a taxa global de março pouco se alterasse em relação a de fevereiro (-24,1%).

Mais uma vez os setores de produtos alimentares e de química, com quedas de -23,5% e -23,6% respectivamente, foram os principais destaques na formação do resultado global nesse primeiro trimestre, em razão principalmente do significativo decréscimo na produção de açúcar e melão (-29,1%) e de álcool (-51,7%) - cujo impacto nos respectivos gêneros foi de tal magnitude que extraíndo-se as suas participações, a química recuaría para -3,9% e alimentares -12,5%. A excelente safra de cana-de-açúcar do ano passado na região, que motivou inclusive o prolongamento no fornecimento do produto às usinas, e a quebra na produção da atual safra, refletem-se nos baixos índices de desempenho do complexo álcool-açucareiro este ano. Neste caso, ao contrário do que ocorre em outras regiões, a

contribuição da agricultura foi essencialmente negativa para a performance industrial.

Entretanto, outros segmentos industriais, que não têm estreitos vínculos com o setor agrícola (como ocorre na química e alimentares), também exerceram expressivo impacto negativo na formação da taxa acumulada do trimestre, como foram os casos da metalúrgica (-33,2%), têxtil (-14,0%), material elétrico (-19,6%) e matérias plásticas (-16,1%) que, em conjunto, superaram até mesmo a principal contribuição que foi a de produtos alimentares. Observa-se, ainda, na relação dos principais produtos responsáveis, marcante presença de itens que têm ampla utilização na construção civil, como por exemplo, chapas e telhas de fibrocimento, em minerais não metálicos; arame de aço comum, na metalúrgica; tintas, na química; e pisos de material plástico, em matérias plásticas. Conclui-se, portanto, que além da má performance da lavoura canavieira, a contração do setor de construção civil também teve papel de destaque no fraco desempenho da indústria deste Estado nos três primeiros meses de 1988, embora a taxa de minerais não metálicos em março, como já mencionado, possa indicar uma reversão desse movimento.

#### BAHIA

O desempenho da indústria baiana, no último mês do 1º trimestre do ano, mostra-se negativo para os principais indicadores: -1,8% no Mensal, -4,0% no Acumulado e -3,1% no Acumulado 12 meses.

Na comparação mensal, a contração deste mês foi menor que a verificada em fevereiro (-4,7%). Dentre os nove segmentos industriais computados, seis apresentaram crescimento em relação a igual mês do ano anterior, com destaque para material elétrico e de comunicações (4,3%) e bebidas (0,2%), que revertem as taxas negativas ocorridas em fevereiro. Com relação ao primeiro gênero, pode-se afirmar que tal resultado foi influenciado basicamente pelo produto bobinas de ignição, cuja base de comparação, março de 1987, revelava-se deprimente, em função da menor disponibilidade de matéria-prima para este produto naquele mês. No gênero bebidas, o produto responsável pela expansão da produção foi cerveja.

Nos dois setores de maior peso na indústria do Es-

tado, a performance também mostrou-se favorável na comparação mensal: 1,5% para extrativa mineral e 0,7% para química. Entretanto, tais taxas ficaram aquém das verificadas no mês anterior, o que pode ser explicado pela menor produção de petróleo em bruto (1,3% contra 6,5% em fevereiro) e de óleo diesel (4,9% contra 8,1% em fevereiro), que são os produtos mais importantes dentro de cada setor, respectivamente.

No agregado, porém, a indústria sofreu os reflexos da contração da produção em minerais não metálicos (-23,9%) e produtos alimentares (-16,0%) comparativamente a março do ano passado, resultados bem abaixo da média nacional que foi de 1,0% e -9,8% respectivamente. Estas taxas são explicadas, principalmente, pela má performance dos produtos pedra britada e cacau beneficiado. Estes decréscimos foram tão significativos que, mesmo se os "líderes" da produção industrial (química e extrativa mineral) tivessem repetido as taxas de crescimento de fevereiro, isto não teria sido suficiente para que a indústria geral passasse a apresentar um resultado positivo no mês em questão.

Deve ser ressaltado, todavia, que a comparação mensal tende a superestimar os índices analisados, dado o "efeito-base" inerente a fevereiro e março - como citado na nota introdutória. Assim, seria também importante avaliar os dados tomando-se o Indicador Acumulado até março, o que leva à constatação de que apenas três segmentos da indústria encontram-se num nível de produção superior ao do 1º trimestre de 1987: borracha (18,1%), perfumaria, sabões e velas (2,4%) e química (0,7%); enquanto que os demais, especialmente minerais não metálicos (-32,1%) e produtos alimentares (-16,4%), acabam por deprimir o resultado para a indústria como um todo (-4,0%). Os gêneros listados que se expandiram, por outro lado, são os únicos que ainda se mantêm em crescimento no Indicador Acumulado 12 meses, já demonstrando, porém, no caso de química e perfumaria, sinais de desaceleração na produção annualizada, com consequências previsíveis sobre o indicador geral (-3,1%).

#### MINAS GERAIS

Com o melhor desempenho a nível regional, a indústria mineira atinge em março variações positivas a nível de

todos os indicadores: 7,8% no Mensal, 1,8% no Acumulado e 0,6% no Acumulado 12 meses. Este dinamismo se deve fundamentalmente à forte vinculação de sua indústria ao mercado externo, que tem de forma crescente absorvido exportações brasileiras.

O Indicador Mensal assinala este mês a sua taxa mais elevada dos últimos treze meses (7,8%). O maior destaque cabe a indústria extrativa mineral com 28,1%, recuperando-se dos maus resultados obtidos no decorrer de quase todo o ano de 1987. Até outubro do ano passado os índices indicavam queda permanente, refletindo a diminuição da extração de minério de ferro. A demanda externa, até aquele momento, era atendida principalmente pela produção do complexo de Carajás. Entretanto, com o aumento da procura externa, tanto de minério como de produtos metalúrgicos, houve espaço para a expansão da produção mineira.

A nível da indústria de transformação a taxa atinge 6,4% neste mês, ocasionando impacto no indicador acumulado, que se eleva de -1,8% em fevereiro para 1,2% em março.

Os resultados mensais por setores industriais revelaram algumas mudanças expressivas, quando comparados aos de fevereiro. Minerais não metálicos passa de uma queda (-10,4%) para uma expansão 9,7% em março, esse crescimento refletindo essencialmente a comparação com uma base deprimida, dado que as obras públicas e as construções residenciais experimentam no momento fase de estagnação.

Outra indústria a apresentar ótimo resultado foi a metalúrgica que atinge em março um crescimento de 15,2%, contra 4,8% no mês anterior. É importante assinalar com essa aceleração, o crescimento médio no trimestre, já supera em larga escala a performance inexpressiva do ano passado, quando a média anual não atingiu sequer 1,0%. A obtenção de melhores resultados no indicador mensal, está associado ao aumento das exportações, principalmente de ferro-gusa (37,5%) e lingotes de aço (69,8%). Entretanto não deve-se dissociar deste bom desempenho a recuperação de setores de bens de consumo durável, que utilizam insúmos da metalúrgica como exemplo, a indústria automobilística.

Outro segmento a manter pelo segundo mês consecutivo expressiva taxa de expansão (25,2%) e de considerável impacto na expansão geral da indústria foi o de material de transporte, resultado da manutenção do incremento das vendas, tanto para o mercado externo como interno, do setor automobilístico. Com esse patamar, o crescimento médio no trimestre salta para níveis positivos, mantendo-se em torno de 2,0%.

A indústria alimentar influiu também na taxa global industrial, porém em menor escala. O seu aumento em torno de 5,0% foi "puxado" pelos produtos leite em pó e carne de bovino congelada, por motivos já citados em nota anterior.

A indústria de material elétrico e de comunicações que de janeiro (-15,7%) para fevereiro (-2,7%) já diminuiu sensivelmente a sua queda, em março atinge uma variação positiva de 11,5%, inferior apenas a de material de transporte na indústria de transformação. Fios, cabos e condutores de alumínio nu e isolado, foram os principais produtos a explicarem esse bom resultado.

Vale ressaltar, no entanto, que os números apresentados neste mês no indicador mensal devem ser analisados com certa cautela, pois há a influência nos resultados do efeito calendário, dado que o carnaval do ano passado deu-se no mês de março.

#### RIO DE JANEIRO

A indústria fluminense termina o primeiro trimestre do ano com queda de 2,5% no indicador acumulado e de 3,3% no acumulado 12 meses. Estes resultados estão em consonância com o baixo nível em que ainda se encontra a demanda interna por bens de consumo e seus insumos. O crescimento expressivo obtido no indicador mensal porém, deve ser analisado a luz do comportamento atípico verificado no gênero material de transporte.

O desempenho industrial do Estado do Rio de Janeiro em março foi 5,3% superior a igual mês do ano passado. Este aumento, o segundo maior dentre os locais pesquisados, interrompe a série de taxas mensais negativas observadas desde junho de 1987, e contrasta também com a elevada queda de fe-

vereiro passado (-7,9%).

Os gêneros que propiciaram esta performance em quase sua totalidade, foram: material de transporte (107,6%) e material elétrico e de comunicações (37,4%). No primeiro caso, o resultado foi fortemente influenciado pelo nível baixo de produção no mês base de comparação (março de 1987), em função da greve deflagrada por metalúrgicos do Estado, atingindo o setor de construção naval de significativa importância na estrutura industrial local. Este "efeito-base" teve tanta importância, que se fosse excluído material de transporte do cálculo do indicador o resultado global da indústria seria um acréscimo de apenas 2,1% e não 5,3% como foi o verificado. No que tange a material elétrico e de comunicações, a continuidade do bom desempenho assinalado a partir de outubro de 1985, é devido, em grande parte, aos investimentos governamentais na área de telecomunicações.

Em relação ao primeiro trimestre do ano, comparando a igual período do ano anterior, a indústria registrou um decréscimo de -2,5%. Desde 1983 que não se tem um resultado tão negativo nos três primeiros meses do ano. Mesmo assim, verifica-se um amortecimento da queda neste mês, em relação ao indicador acumulado do bimestre janeiro-fevereiro (-6,3%).

No nível de gênero, os que mais se retrairam no período, em ordem de importância, foram: matérias plásticas (-28,4%), têxtil (-25,9%), alimentares (-11,7%) e vestuário (-15,7%), devido principalmente a menor demanda de artigos de material plástico para uso doméstico, tecidos de algodão, sardinha em conserva e bolsas de couro, respectivamente. Observa-se que estes produtos são voltados basicamente para o mercado interno.

Por outro lado, os que se destacaram com taxas positivas, foram os gêneros: material elétrico e de comunicações (38,4%) e material de transporte (26,3%), em consonância dos produtos: estações telefônicas e navios de grande porte, em função de fatores citados anteriormente.

Finalmente, conclui-se que apesar de uma certa desaceleração no declínio da atividade industrial do Estado, isto não deve ser encarado como uma reversão do quadro geral. O resultado expressivo do indicador mensal foi muito

influenciado pelo "efeito-calendário", já citado na introdução e pela base de comparação especialmente deprimida do gênero material de transportes que, no caso desse último fator, afeta também a comparação acumulada.

#### SÃO PAULO

A indústria paulista apresenta no mês de março taxas de crescimento de 1,1% e 13,9%, respectivamente, em relação ao mesmo mês do ano anterior e ao mês de fevereiro. Este desempenho aparentemente favorável, entretanto, está influenciado pelo "efeito-calendário" no primeiro caso e pela própria sazonalidade da indústria. Tomando-se o resultado acumulado, que elimina as duas distorções, o quadro se mostra outro: até o presente mês a indústria paulista sofreu uma queda acumulada de -5,5% em 1988, com 14 dos 16 ramos industriais assinalando variações negativas. Apesar do resultado ainda mostrar uma produção deprimida, esta taxa representa em realidade uma pequena desaceleração no movimento descendente, uma vez que o decréscimo acumulado até fevereiro era de -8,9%.

Os gêneros que tiveram maior responsabilidade por esta má performance no trimestre, foram: material elétrico (-13,7%), produtos alimentares (-15,5%), têxtil (-13,0%), metalúrgica (-6,6%), produtos de matérias plásticas (-21,5%) e vestuário (-22,6%). Todos estes segmentos, a exceção de produtos alimentares, assinalam em março contrações menores que as verificadas em fevereiro. Por outro lado, deve-se ter em mente que este resultado negativo na produção de alimentos se deve essencialmente à diminuição de 80,0% na produção de suco e concentrado de laranja, refletindo uma base de comparação muito elevada, pois no início de 1987 havia grandes estoques de laranja e consequentemente o processamento industrial foi mais intenso.

Os gêneros que indicam as maiores quedas no trimestre têm sua produção voltada sobretudo para o mercado interno - vestuário, produtos de matérias plásticas, produtos alimentares, farmacêutica, material elétrico, têxtil e minerais não metálicos. Já em relação ao gênero material de transporte, seu crescimento (8,1%) está muito associado a recuperação das

exportações, como amplamente anunciado, e a sua capacidade de criar demanda mesmo nos momentos de crise, por meio de consórcios, lançamentos de novos modelos, etc., auxiliado ainda pelo estímulo às compras face a expectativa de aumentos nos preços.

O indicador acumulado 12 meses confirma, em março, sua trajetória descendente, atingindo um decréscimo de -3,2%, o maior desde abril de 1984. Apenas quatro gêneros assinalam variações positivas, perfumaria (8,9%), mecânica (5,7%), química (3,2%) e produtos alimentares (1,1%). Todos com taxas inferiores às verificadas em fevereiro. Somente em material de transporte (-8,2%) se verifica uma queda na produção física menor que a ocorrida no mês anterior (-10,6%).

Assim sendo, a indústria paulista apresenta ainda poucos impulsos de recuperação, que no entanto, só consolidarão uma retomada do crescimento como em 1984, caso o mercado interno - vinculado ao nível do emprego e do salário médio - também se expanda efetivamente, o que não se verificou até agora.

#### REGIÃO SUL

A indústria da Região Sul termina o primeiro trimestre com uma contração acumulada de -4,0% na produção física. Este resultado foi mais favorável que o verificado no bimestre janeiro-fevereiro (-7,6%) devido ao crescimento da produção em março (2,5%), em relação ao mesmo mês do ano anterior. O decréscimo do período janeiro-março foi determinado, sobretudo, pela retração dos setores ligados ao mercado interno. Nota-se, no entanto, um maior dinamismo nos segmentos ligados à agricultura, o que abre a possibilidade de nos próximos meses haver uma mudança nesse quadro.

O indicador mensal assinala em março a primeira taxa positiva dos últimos nove meses (2,5%). Em fevereiro houve uma diminuição de -4,1% e apenas três segmentos da indústria registraram variações positivas. Já em março cresceram a indústria extractiva mineral (14,9%) e mais sete gêneros. Os melhores desempenhos foram obtidos por química (17,8%) e produtos alimentares (17,6%), ambos com performance sensivelmente superior à verificada no mês anterior.

-4,4% e 3,9% respectivamente. Vale assinalar, entretanto, que a existência do "efeito-calendário" devido ao carnaval — questão já explicitada na introdução — impõe algumas limitações na comparação dos resultados de fevereiro com os de março.

Os gêneros que tiveram maior impacto na comparação acumulada (-4,0%) foram: mecânica (-15,2%), vestuário (-11,0%) e metalúrgica (-9,8%). Os produtos que mais influenciaram nessa queda foram, respectivamente, refrigeradores, camisas e arame de aço, que são basicamente voltados para o mercado interno. Os setores industriais mais vinculados à agricultura com segmentos exportadores, apresentaram resultados bem melhores em março. Este foi o caso de produtos alimentares (3,8%) e química (-0,1%), que em fevereiro atingiram reduções de -2,9% e -9,9% respectivamente. Em menor medida o mesmo movimento ocorreu em fumo e bebidas.

A expansão de produtos alimentares, ainda na comparação acumulada, foi determinada principalmente por óleo de soja refinado (55,1%) e café solúvel (30,5%), ambos com parte da produção voltada para o mercado externo. A química teria assinalado uma queda, em vez de uma estabilização (-0,1%), não fosse o aumento da produção de seus segmentos vinculados a agricultura — adubos, fertilizantes e processamento de soja e sementes oleaginosas — que no conjunto cresceram 3,3%, destacando-se fertilizantes com 14,7%.

Os demais gêneros que alcançaram taxas positivas no acumulado do trimestre foram: fumo (5,5%), material elétrico (0,9%) e minerais não metálicos (0,9%). Cabe destacar este último, por ser a Região Sul a única, dentre os locais pesquisados, que atinge um crescimento neste setor ao longo do ano. Este comportamento está possivelmente associado ao recente aquecimento da indústria da construção civil.

As perspectivas atuais mais favoráveis quanto a próxima safra — que deve ser melhor que a do ano passado tanto em termos de volume produzido como de preços pagos aos produtores, em especial no caso da soja — não têm sido suficientes, até o momento, para aumentar a demanda por tratores e máquinas agrícolas. Este setor, como um todo, atingiu um decréscimo de -23,2% no trimestre, sendo que tratores alcançaram uma retração de -65,4%. A explicação deste fato reside, possivelmen-

te, no elevado preço unitário dessas mercadorias, que no ano passado se valorizaram acima da inflação. Segundo a FGV, em 1987, os preços recebidos pelos agricultores elevaram-se cerca de 300% e os de tratores entre 600% e 700% contra uma inflação de 366,0%, pelo IPC.

O indicador acumulado 12 meses aponta uma queda de -2,2%, superior à verificada no mês de fevereiro (-1,2%), confirmindo o movimento descendente iniciado em abril do ano passado. O gênero que mais influenciou para este resultado negativo foi vestuário (-10,7%), devido sobretudo ao segmento de calçados. Dentre os que obtiveram taxas positivas destacam-se produtos alimentares (2,5%) e química (1,2%), ambos com grande vinculação ao desempenho da agricultura, por serem os únicos com acréscimos superiores aos alcançados no mês passado — 2,0% e 0,4% respectivamente.

TABELA 2  
PRODUÇÃO INDUSTRIAL - REGIONAL  
PRINCIPAIS DESTAQUES NO INDICADOR ACUMULADO  
JANEIRO-MARÇO 1988  
(BASE: IGUAL PÉRIODO DO ANO ANTERIOR)

LOCAL E GÊNEROS SELECIONADOS	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRODUTOS DE MAIOR INFLUÊNCIA		FATOR PREDOMINANTE		
		NOME	Taxa (%)	Fator de Oferta	Fatores de Demanda	
				Agricultura	Exportação	Mercado Interno
NORDESTE	- 11,91					
Química .....	- 3,96	Álcool Hidratado .....	- 48,2	X		
Produtos Alimentares ....	- 3,95	Álcool Anidro .....	- 74,1	X		
Metalúrgica .....	- 1,47	Açúcar Cristal .....	- 39,5	X		
Outros Gêneros .....	- 2,53	Açúcar Demerara .....	- 53,6	X		
MINAS GERAIS	1,77	Tubos de Aço c/Costura .....	- 46,8		X	
Metalúrgica .....	3,12	Fogões e Fornos não-elétricos.....	- 77,1			X
Química .....	- 1,26	Ferro-niôbio	128,2	X		
Extrativa Mineral.....	0,65	Ferro-gusa	13,4	X		
Outros Gêneros .....	- 0,74	Óleo diesel	- 7,4		X	
RIO DE JANEIRO	- 2,46	Gasolina	- 12,2		X	
Material Elétrico.....	1,89	Minério de Ferro	9,7	X		
Matérias Plásticas.....	- 1,69	Minério de Colômbo ou Niôbio	75,5	X		
Têxtil .....	- 1,47	Estações Telefônicas	161,4			X
Outros Gêneros.....	- 1,19	Relés para Chaves Automáticas	101,6			X
SÃO PAULO	- 5,50	Artigos de mat.plástico p/uso doméstico	- 41,1			X
Material Elétrico .....	- 1,17	Sacos e sacolas de mat.plástico	- 53,4			X
Produtos Alimentares ...	- 1,00	Tecidos de algodão	- 35,1			X
Têxtil .....	- 0,98	Fios de algodão	- 28,2			X
Outros Gêneros .....	- 2,35					
REGIÃO SUL	- 3,98					
Mecânica .....	- 2,16	Fios e cabos de cobre.....	- 16,6			X
Metalúrgica .....	- 1,03	Caixas Acústicas .....	- 37,3			X
Vestuário .....	- 1,17	Suco e Concentrado de Laranja.....	- 79,8	X		
Outros Gêneros .....	0,38	Sorvetes .....	- 25,3			X
		Tecidos Sintéticos .....	- 20,5			X
		Tecidos de Algodão .....	- 15,2			X
BRASIL - INDÚSTRIA GERAL	- 5,89					



PONDERAÇÃO CI-80

## INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GÊNEROS - REGIÃO NORDESTE

1988

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JAN	FEV	MAR	JAN	FEV	MAR	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	ATE JAN	ATE FEV	ATE MAR
INDUSTRIA GERAL	129,19	109,18	109,98	92,16	84,59	87,17	92,16	88,53	88,09	102,71	100,28	97,74
EXTRATIVA MINERAL	149,22	139,21	147,39	99,21	105,39	102,59	99,21	102,10	102,27	101,82	102,12	102,10
IND.TRANSFORMAÇÃO	126,41	105,02	104,80	91,10	81,63	84,69	91,10	86,54	85,96	102,86	99,97	97,03
MIN.NÃO METALICOS	96,89	87,54	100,53	87,94	83,27	101,74	87,94	85,66	90,72	95,15	92,43	91,46
METALURGICA	124,49	116,12	136,36	75,60	74,02	88,32	75,60	74,83	79,21	92,88	88,83	86,45
MAT.ELET. E COM.	139,86	125,90	152,93	92,49	77,31	93,52	92,49	84,62	87,67	98,74	94,14	93,07
PAPEL E PAPELÃO	119,30	108,88	113,44	90,98	89,60	90,51	90,98	90,31	90,38	105,76	103,51	101,79
BORRACHA	108,63	130,56	131,82	92,57	112,97	104,34	92,57	102,70	103,28	99,83	100,50	99,59
QUIMICA	147,09	120,01	114,37	94,25	86,38	80,73	94,25	90,54	87,36	107,75	105,79	101,98
PERF.SABÕES,VELAS	131,63	132,59	142,56	119,60	121,42	110,56	119,60	120,50	116,82	113,17	114,66	109,90
PROD.MAT.PLASTICAS	101,36	103,08	113,38	78,02	80,15	91,76	78,02	79,08	83,18	92,03	88,33	86,75
TEXTIL	85,05	77,74	88,56	79,39	85,36	102,94	79,39	82,13	88,43	93,48	92,32	92,54
VEST.CALÇ.ART.TEC.	100,23	100,20	124,23	89,12	82,50	110,42	89,12	85,68	93,72	100,26	96,68	97,04
PROD.ALIMENTARES	144,07	97,93	72,74	97,26	72,00	61,11	97,26	85,17	78,07	111,67	106,91	100,08
BEBIDAS	138,18	116,30	104,91	100,97	86,55	89,62	100,97	93,83	92,56	95,35	92,06	89,80
FUMO	124,34	118,66	134,72	106,94	81,05	103,48	106,94	92,51	96,14	98,83	94,56	94,43

IBGE

05/05/88 PAG 9



PONDERAÇÃO CI-80

## INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS - PERNAMBUCO

1988

CLASSES E GENEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JAN	FEV	MAR	JAN	FEV	MAR	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	ATE JAN	ATE FEV	ATE MAR
INDUSTRIA GERAL	134,02	109,70	105,59	85,45	75,95	77,74	85,45	80,90	79,92	104,53	100,32	96,12
IND.TRANSFORMAÇÃO	134,02	109,70	105,59	85,45	75,95	77,74	85,45	80,90	79,92	104,53	100,32	96,12
MIN.NÃO METALICOS	109,76	90,34	110,06	93,71	81,02	108,99	93,71	87,52	94,10	97,28	93,89	94,07
METALURGICA	121,53	101,63	118,74	67,86	61,36	71,21	67,86	64,74	66,85	90,71	85,36	80,91
MAT.ELETTRICO E COM	128,52	105,07	138,48	90,81	67,31	83,82	90,81	78,48	80,39	104,38	96,88	93,77
PAPEL E PAPELÃO	116,76	105,57	109,45	80,80	79,51	85,28	80,80	80,18	81,79	96,96	93,91	91,99
QUIMICA	222,54	182,52	158,86	84,51	75,60	67,94	84,51	80,25	76,35	115,32	110,45	102,97
PERF.SABÕES,VELAS	113,67	108,08	112,75	127,47	111,63	86,94	127,47	119,22	105,96	106,61	108,38	101,82
PROD.MAT.PLASTICAS	95,44	103,49	110,72	75,73	84,61	91,62	75,73	80,11	83,87	85,48	81,84	79,42
TEXTIL	82,99	79,08	91,40	75,31	81,03	105,13	75,31	77,99	86,00	94,73	92,25	92,62
PROD.ALIMENTARES	139,43	98,98	67,87	89,50	75,83	59,51	89,50	83,27	76,50	115,99	112,19	105,09
BEBIDAS	126,29	104,85	88,50	104,74	86,06	82,48	104,74	95,35	91,40	93,56	90,86	88,04
FUMO	133,13	124,67	144,70	119,20	82,27	110,96	119,20	97,94	102,25	103,05	98,48	99,18

IBGE

05/05/88 PAG 10

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GENEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JAN	FEV	MAR	JAN	FEV	MAR	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	ATE JAN	ATE FEV	ATE MAR
INDUSTRIA GERAL	124,59	114,89	123,73	94,54	95,27	98,19	94,54	94,89	95,98	98,59	97,70	96,89
EXTRATIVA MINERAL	105,44	107,91	116,43	92,85	104,89	101,52	92,85	98,57	99,59	98,02	98,81	99,03
IND. TRANSFORMAÇÃO	127,83	116,07	124,97	94,78	93,91	97,68	94,78	94,36	95,46	98,68	97,53	96,58
MIN.NÃO METALICOS	83,24	77,76	89,29	63,92	64,16	76,12	63,92	64,03	67,88	83,06	77,90	74,22
METALURGICA	108,08	94,49	130,82	82,91	73,04	99,94	82,91	78,00	85,35	81,34	78,61	78,42
MAT ELETTRICO E COM	175,39	160,84	177,69	99,47	91,21	104,28	99,47	95,34	98,25	96,73	96,15	96,56
BORRACHA	130,41	177,37	163,86	111,65	134,22	108,83	111,65	123,63	118,05	101,62	104,62	104,43
QUIMICA	132,09	121,06	129,09	99,35	102,15	100,69	99,35	100,67	100,68	103,39	103,16	102,50
PERF.SABÕES,VELAS	135,60	157,64	164,98	85,53	112,07	111,23	85,53	98,01	102,39	105,20	105,35	102,32
PROD.ALIMENTARES	124,74	102,13	97,41	90,16	76,37	84,01	90,16	83,38	83,57	90,72	87,29	85,22
BEBIDAS	177,00	154,02	151,86	100,14	92,08	100,21	100,14	96,22	97,44	98,57	95,25	93,69

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES							
	JAN		FEV		MAR	JAN		FEV		MAR	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	ATE JAN	ATE FEV	ATE MAR	
INDUSTRIA GERAL	120,76		115,36		128,06	97,31		100,35		107,81	97,31		98,77	101,77	100,96	100,41	100,58
EXTRATIVA MINERAL	113,40		101,55		125,18	109,49		93,47		128,05	109,49		101,29	109,73	94,44	94,76	98,70
IND.TRANSFORMAÇÃO	121,38		116,51		128,30	96,48		100,89		106,44	96,48		98,59	101,20	101,47	100,84	100,72
MIN.NÃO METALICOS	100,06		93,29		111,12	87,83		89,63		109,67	87,83		88,69	95,35	98,13	96,14	96,35
METALURGICA	143,70		130,50		142,92	109,15		104,79		115,23	109,15		107,03	109,71	101,10	100,52	101,34
MAT.ELETTRICO E COM	116,72		114,38		157,34	84,27		97,27		111,55	84,27		90,24	97,81	90,27	93,00	93,70
MAT. TRANSPORTE	112,19		157,55		170,93	69,00		118,17		125,17	69,00		91,15	101,89	111,33	110,37	113,58
PAPEL E PAPELÃO	169,14		155,98		156,07	98,99		104,52		92,54	98,99		101,57	98,45	101,02	101,26	98,94
QUIMICA	134,47		122,43		131,74	87,07		95,16		86,77	87,07		90,74	89,36	99,78	99,28	96,26
PROD.MAT.PLASTICAS	118,62		126,93		117,60	96,69		64,19		64,12	96,69		76,63	72,08	97,72	91,64	86,50
TEXTIL	114,20		113,01		113,78	93,73		102,54		94,35	93,73		97,92	96,70	99,69	99,93	99,11
VEST,CALÇ,ART.TEC.	73,54		64,37		79,11	78,78		61,85		86,09	78,78		69,86	75,01	88,91	83,75	82,26
PROD.ALIMENTARES	80,67		76,29		83,10	109,33		109,77		105,08	109,33		109,54	107,95	107,71	108,47	108,27
BEBIDAS	163,51		142,00		139,09	106,26		98,85		99,10	106,26		102,68	101,53	104,55	102,35	100,32
FUMO	175,12		161,25		182,69	126,76		96,64		109,72	126,76		110,28	110,08	107,56	105,70	105,87

IBGE

05/05/88 PAG 12



## INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS - RIO DE JANEIRO

PONDERAÇÃO CI-80

1988

CLASSES E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JAN	FEV	MAR	JAN	FEV	MAR	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	ATE JAN	ATE FEV	ATE MAR
INDUSTRIA GERAL	110,01	104,81	118,88	95,32	92,06	105,33	95,32	93,70	97,54	98,92	97,12	96,71
EXTRATIVA MINERAL	568,80	542,76	575,02	100,53	109,91	105,42	100,53	104,90	105,08	99,38	100,23	101,05
IND.TRANSFORMAÇÃO	101,01	96,21	109,93	94,78	90,43	105,32	94,78	92,61	96,79	98,87	96,82	96,29
MIN.NÃO METALICOS	84,52	74,93	96,33	83,17	78,91	103,56	83,17	81,11	88,32	97,27	94,29	93,56
METALURGICA	141,36	127,50	144,50	106,47	100,84	102,07	106,47	103,72	103,14	100,89	100,51	99,90
MAT.ELETTRICO E COM	118,50	123,54	129,21	137,21	140,51	137,37	137,21	138,87	138,35	129,91	130,45	130,76
MAT. TRANSPORTE	38,60	43,47	58,20	92,77	104,99	207,64	92,77	98,87	126,32	79,20	79,38	87,20
PAPEL E PAPELÃO	76,64	76,00	94,03	74,71	76,36	89,03	74,71	75,53	80,16	92,11	89,39	87,60
QUIMICA	121,19	111,19	120,57	104,51	99,89	101,50	104,51	102,25	101,99	98,62	97,91	96,47
FARMACEUTICA	108,18	119,67	127,41	84,01	86,67	107,12	84,01	85,38	92,09	109,22	106,03	105,09
PERF.SABÕES,VELAS	136,03	151,87	162,63	88,96	88,53	101,29	88,96	88,73	92,89	113,77	109,10	105,02
PROD.MAT.PLASTICAS	115,31	114,96	148,97	68,01	62,50	84,48	68,01	65,15	71,58	87,92	81,96	78,53
TEXTIL	83,51	76,36	84,75	73,99	67,05	81,93	73,99	70,51	74,09	98,20	93,32	91,72
VEST,CALÇ,ART.TEC.	64,51	50,45	74,13	78,09	61,41	124,57	78,09	69,78	84,32	87,70	83,32	85,98
PROD.ALIMENTARES	94,77	95,68	98,51	87,25	84,20	93,81	87,25	85,69	88,30	99,77	96,90	94,88
BEBIDAS	138,34	113,37	124,11	103,32	89,57	100,15	103,32	96,64	97,77	95,04	92,30	90,59
FUMO	111,80	107,24	137,25	106,54	77,29	101,99	106,54	89,89	94,19	93,33	88,85	88,60

IBGE

05/05/88 PAG 13

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES							
	JAN		FEV		MAR	JAN		FEV		MAR	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	ATE JAN	ATE FEV	ATE MAR	
INDUSTRIA GERAL	100,08		102,67		116,94	90,33		91,79		101,11	90,33		91,07	94,50	99,02	97,62	96,78
IND.TRANSFORMAÇÃO	100,08		102,67		116,94	90,33		91,79		101,11	90,33		91,07	94,50	99,02	97,62	96,78
MIN.NÃO METALICOS	107,22		102,12		112,80	90,99		89,58		95,80	90,99		90,30	92,15	102,81	100,41	98,43
METALURGICA	106,79		105,74		119,68	91,73		91,73		96,55	91,73		91,73	93,41	96,66	95,69	94,86
MECANICA	95,38		106,84		125,03	100,77		103,39		116,02	100,77		102,13	107,03	106,82	105,81	105,68
MAT.ELETTRICO E COM	83,96		96,41		111,99	81,52		79,88		97,17	81,52		80,63	86,26	95,48	92,33	91,56
MAT. TRANSPORTE	114,67		121,29		140,02	97,39		108,24		118,57	97,39		102,68	108,07	87,78	89,38	91,75
PAPEL E PAPELÃO	138,38		134,04		146,07	91,03		93,14		93,00	91,03		92,06	92,38	102,01	100,56	98,28
BORRACHA	119,00		136,19		148,08	90,13		97,15		107,55	90,13		93,74	98,38	101,73	100,49	99,96
QUIMICA	98,21		95,87		109,04	92,12		94,86		105,80	92,12		93,45	97,55	104,81	103,55	103,19
FARMACEUTICA	108,30		128,84		148,99	77,80		79,71		97,44	77,80		78,83	85,10	99,56	95,76	93,79
PERF.SABÕES,VELAS	172,59		152,97		185,58	100,24		97,95		98,51	100,24		99,15	98,92	114,45	113,97	108,88
PROD.MAT.PLASTICAS	105,87		115,99		122,56	74,17		79,75		81,49	74,17		76,99	78,53	91,99	88,99	85,33
TEXTIL	99,57		99,15		113,23	83,85		85,12		91,87	83,85		84,48	87,02	94,56	92,44	90,70
VEST.CALÇ,ART.TEC.	60,77		62,99		82,32	74,64		67,79		89,57	74,64		70,99	77,40	80,90	77,70	76,53
PROD.ALIMENTARES	79,10		70,85		74,72	86,72		82,46		84,34	86,72		84,66	84,55	107,33	104,65	101,11
BEBIDAS	121,29		110,99		115,32	100,94		93,19		97,98	100,94		97,08	97,38	100,97	98,75	96,91
FUMO	68,54		58,27		71,76	106,79		77,34		101,21	106,79		90,89	94,37	92,90	88,86	88,40

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	JAN	FEV	MAR	JAN	FEV	MAR	JAN	JAN-FEV	JAN-MAR	ATE JAN	ATE FEV	ATE MAR
INDUSTRIA GERAL	102,21	109,95	129,06	88,95	95,94	102,54	88,95	92,44	96,02	99,74	98,79	97,83
EXTRATIVA MINERAL	95,33	103,73	109,10	87,17	138,56	114,92	87,17	108,05	110,39	88,90	93,66	96,25
IND.TRANSFORMAÇÃO	102,31	110,04	129,35	88,97	95,53	102,40	88,97	92,25	95,85	99,88	98,85	97,84
MIN.NÃO METALICOS	112,50	102,50	115,33	102,38	96,36	103,64	102,38	99,42	100,85	103,51	101,98	100,92
METALURGICA	112,86	128,63	144,07	82,37	92,02	95,52	82,37	87,24	90,16	97,19	96,29	94,35
MECANICA	117,14	153,82	154,75	72,68	92,77	88,37	72,68	82,86	84,79	100,45	98,25	95,69
MAT.ELETTRICO E COM	167,13	162,66	182,63	112,81	96,62	95,55	112,81	104,20	100,94	108,04	106,35	103,38
PAPEL E PAPELÃO	142,86	137,42	148,95	95,29	98,38	98,29	95,29	96,78	97,30	103,78	103,00	101,79
QUIMICA	57,49	62,77	86,09	84,75	95,58	117,81	84,75	90,08	99,89	101,07	100,42	101,20
PERF.SABÕES,VELAS	120,26	137,08	164,87	86,73	95,70	101,66	86,73	91,29	95,08	96,44	95,24	91,94
PROD.MAT.PLÁSTICAS	106,35	116,99	122,43	89,65	88,82	90,24	89,65	89,21	89,57	95,64	93,21	90,34
TEXTIL	121,19	123,49	137,09	96,25	98,15	101,61	96,25	97,20	98,74	101,79	100,79	99,89
VEST,CALÇ,ART.TEC.	90,90	87,91	105,79	85,75	84,40	96,66	85,75	85,08	89,05	92,64	90,32	89,26
PROD.ALIMENTARES	104,15	100,53	120,18	91,39	103,86	117,58	91,39	97,12	103,80	101,40	101,98	102,47
BEBIDAS	124,13	98,19	142,13	94,94	90,34	107,15	94,94	92,85	97,95	84,96	84,54	83,53
FUMO	83,81	239,68	365,34	96,51	107,04	106,72	96,51	104,10	105,47	105,42	105,75	104,69